



O Papel das Organizações Humanitárias na Recepção aos Sírios em Situação de Refúgio em São Paulo¹

Fabio Martinez Serrano PUCCI²
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo estudar o papel de organizações humanitárias na recepção aos sírios em situação de refúgio em São Paulo. Em um primeiro momento, apresentam-se brevemente algumas características da migração histórica de sírios e libaneses para São Paulo. Em um segundo momento analisa-se o quadro teórico que fundamenta esta pesquisa. Então, estudam-se as características demográficas dos sírios em situação de refúgio, bem como as dificuldades que os recém-chegados enfrentam no Brasil, como a barreira linguística, laboral e habitacional. Por fim, comparam-se as estruturas de acolhimento de organizações humanitárias da sociedade civil. Entre elas incluem-se tanto as religiosas – como a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, bem como aquelas que são ligadas à comunidade histórica de sírios e libaneses – como o Lar Sírio Pró-Infância e a Sociedade Beneficente Muçulmana. Mais especificamente, estudam-se as aproximações que existem entre o “humanitarismo” e o caráter religioso destas organizações. Em termos metodológicos, realizaram-se entrevistas com profissionais de organizações humanitárias, membros da comunidade sírio-libanesa e sírios em situação de refúgio. Buscou-se apreender a heterogeneidade deste grupo entrevistando-se pessoas de diferentes religiões, gênero, escolaridade e tempo de permanência no país. Os dados foram transcritos, codificados e analisados utilizando-se a *Grounded Theory*. Este trabalho se baseia em um projeto de doutorado ainda em andamento.

Palavras-chave: humanitarismo; refúgio; sociedade civil.

Introdução

Este trabalho objetiva comparar a estrutura de acolhimento de três organizações humanitárias que receberam sírios em situação de refúgio: a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), a Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM) e o Lar Sírio Pró-Infância (LSPI).

Realizou-se extensa revisão da literatura sobre sírios em situação de refúgio no Brasil. Concluiu-se que a maior parte dos trabalhos aborda os assuntos de sua inserção laboral (Brasil, 2017; Coimbra; Orchard, 2020; Menezes, 2020; Oliveira,

¹ Trabalho apresentado no GT 1 – Imigrações Internacionais Contemporâneas: Novas Abordagens Teóricas e Metodológicas e Novos Recortes Empíricos e Temáticos do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020. Este trabalho é resultado de uma bolsa de doutorado no Brasil (processo nº 2016/19485-2) e de Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (processo nº 2018/20996-7), ambas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, e-mail: fmspuccisp@gmail.com



2020) e do apoio que recebem do governo (Bisneto, 2016; Fortunato; 2019; Moreira; Borba, 2017). No entanto, são poucos os trabalhos que focam o papel das organizações da sociedade civil no seu acolhimento, destacando-se entre eles os trabalhos de Baeza (2018), Moreira e Borba (2017) e Menezes (2020). Baeza (2018) estuda o papel das mesquitas no acolhimento aos sírios. Já Moreira e Borba (2017) examinam como as mesquitas facilitam o acesso dos refugiados aos serviços sociais do governo. Por fim, Menezes (2020) realiza em seu artigo uma revisão bibliográfica sobre o apoio das organizações da sociedade civil aos sírios, com foco na questão laboral. No entanto, na revisão da literatura não foram encontrados trabalhos que examinassem a questão do “humanitarismo” entre as organizações da sociedade civil.

A contribuição deste trabalho para a literatura revisada é a de examinar a estrutura de acolhimento das organizações da sociedade civil sob o prisma do “humanitarismo”. Além disso, o presente trabalho preenche uma lacuna na literatura comparar a estrutura de acolhimento de organizações ligadas à comunidade histórica de sírios e libaneses em São Paulo – caso da SBM e do LSPI – com uma organização não ligada à diáspora síria – a CASP.

No tópico seguinte, realiza-se uma breve reflexão teórica sobre o “humanitarismo”. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada ao longo da pesquisa. Então, examina-se brevemente a imigração histórica de sírios e libaneses para o Brasil. Depois, contextualiza-se o fluxo mais recente de sírios que deixaram a Síria por conta da guerra, chegando ao Brasil a partir de 2013. Estudam-se as características demográficas dessa população, bem como as dificuldades que os recém-chegados enfrentam no Brasil, como a barreira linguística, laboral e habitacional. A partir daí, estudam-se as estruturas de acolhimento da CASP, da SBM e do LSPI – com foco na recepção aos sírios em situação de refúgio. Por fim, nas considerações finais, comparam-se essas organizações, examinando as suas semelhanças e diferenças – ancorando-se na reflexão sobre o “humanitarismo”.

Refletindo sobre o “humanitarismo”

Tanto para Barnett (2013) quanto para Fassin (2012), o “humanitarismo” tem como objetivo aliviar o sofrimento dos mais vulneráveis. Para Fassin (2012), a lógica humanitária valoriza o sofrimento e a caridade, valores estes que provêm do



cristianismo. Além disso, a fascinação com o sofrimento também deriva da genealogia cristã, uma vez que “o aspecto singular do cristianismo a esse respeito é que ele converte sofrimento em redenção” (FASSIN, 2012, p. 250; tradução nossa).

Ambos os autores também notam que está em curso um processo de ascensão do “humanitarismo” ao plano político. Para Fassin, o termo “governo humanitário” designa a “exitosa disposição dos sentimentos morais na política contemporânea [ou seja], [...] [d]as emoções que dirigem nossa atenção ao sofrimento dos outros e nos fazem querer remediá-lo.” (FASSIN, 2012, p. 01; tradução nossa).

Tanto “governo” quanto “humanitário” devem ser entendidos em um sentido amplo, abrangendo “a intervenção do Estado, administrações locais, agências internacionais e instituições políticas de uma forma geral” (FASSIN, 2012, p. 01-02; tradução nossa). Para Barnett (2013), no entanto, há um amplo leque de organizações humanitárias que, além do Estado, inclui também as organizações religiosas, organizações não governamentais (ONGs) e as organizações diaspóricas (chamadas de étnicas por outros autores).

Tanto o “humanitarismo” secular quanto o religioso possuem uma dimensão espiritual ou religiosa, que buscam no mundo um significado mais profundo (BARNETT, 2013; BENTHALL, 2009; LYNCH, 2011). Nesse sentido, a denominação “organização religiosa” mais obscurece do que ilumina as ações dessas organizações, pois as suas “formas de transcender” estão mais ligadas ao “humanitarismo” do que à denominação religiosa (BARNETT, 2012). Ainda segundo esse autor, não é incomum que a equipe de organizações religiosas tenha afiliação religiosa outras que não aquela professada por essas organizações. Portanto, na prática, as estruturas de acolhimento das organizações religiosas e seculares mais se assemelham do que diferem. Características organizacionais como a idade, tamanho, nacionalidade e padrões de financiamento podem ser mais importantes do que a denominação religiosa.

O “governo humanitário” tem efeitos sobre a estrutura de acolhimento dessas organizações, formando um “aparato transnacional de governo das populações refugiadas.”, ou seja, um “compósito de relações” entre organizações humanitárias que formam parcerias para gerir essas populações de forma mais eficiente (PERIN, 2013, p. 152).



Agier (2006) ressalta os elementos do “cuidar, curar e controlar” presentes no “governo humanitário”. Ainda para Agier (2006, p. 198, tradução nossa), “dispositivos policiais, alimentares e sanitários” são criados para gerenciar essas populações. A criação desses dispositivos demanda a produção e categorização de um “grupo alvo de determinados saberes” (FOUCAULT, 2008) – a saber, a categoria de “refugiados”. Os sujeitos em situação de refúgio acabam por depender da assistência humanitária, pois residem em dispositivos que os gerencia enquanto populações vulneráveis – acentuando as relações desiguais de poder.

Metodologia

Esse trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFSCar, sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi.

Utilizou-se o método qualitativo, o qual consiste em entrevistas semiestruturadas com sírios em situação de refúgio (n=17), membros da comunidade sírio-libanesa (n=7) e profissionais de organizações humanitárias (n= 8). As entrevistas só foram realizadas após se obter o consentimento livre e esclarecido dos entrevistados. Manteve-se a privacidade das informações e o sigilo dos entrevistados, utilizando-se de pseudônimos para se referir a eles ao longo do texto. Utilizou-se a técnica “bola de neve”, a qual consiste em pedir a um entrevistado, quando encerrada a entrevista, que indique conhecidos seus que também possam participar da pesquisa.

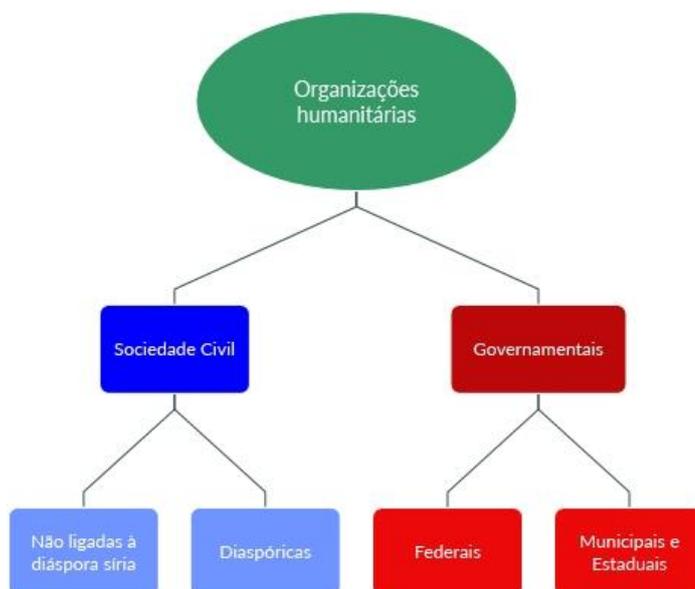
A inserção no campo se deu por meio de organizações humanitárias da sociedade civil, tanto diaspóricas como aquelas não ligadas à diáspora síria. Além disso, foram realizadas entrevistas em três igrejas e três mesquitas que acolheram os sírios em situação de refúgio. Buscou-se entrar em contato com organizações governamentais ao nível estadual e municipal (como o Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI) e a Casa de Passagem Terra Nova), mas não foi possível entrevistar representantes dessas organizações.

O gráfico 01 demonstra a classificação das organizações humanitárias estudadas. No presente trabalho procura-se comparar a estrutura de acolhimento de duas organizações da sociedade civil diaspóricas – o Lar Sírio Pró-Infância (LSPI) e a Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM) – com a de uma organização da



sociedade civil não ligada à diáspora síria – a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP).

Gráfico 01: Classificação das organizações humanitárias



Fonte: Elaboração própria

A análise dos dados qualitativos teve como base a *Grounded Theory* (CHARMAZ, 2006). Primeiro, codificou-se linha por linha o material transcrito. Então, selecionaram-se os códigos mais frequentes e relevantes. Por fim, com base nessa seleção, criaram-se categorias analíticas que fundamentaram a comparação entre as organizações mencionadas.

Migração histórica de sírios e libaneses

O primeiro fluxo de sírio e libaneses para o Brasil começou na década de 1880. A maior parte desses imigrantes tinham origem rural e buscavam oportunidades para ascender economicamente. Há, ainda, a hipótese de que teriam fugido da perseguição do Império Otomano – que dominava a Síria à época. Em geral, os imigrantes eram homens solteiros que vinham sozinhos, deixando seus familiares na Síria.



Após a Primeira Guerra Mundial, o Brasil se tornou um destino permanente dos sírios e libaneses. Familiares vivendo na Síria e no Líbano³ vieram para o Brasil e se juntaram aos imigrantes já estabelecidos. A imigração para o Brasil passa a ser, então, uma decisão do núcleo familiar.

No Brasil, eles se tornaram economicamente bem-sucedidos como mascates, vendendo seus produtos nos rincões do país. Alguns mascates se espalharam pelo interior com o intuito de encontrar novos mercados, uma vez que o mercado das grandes cidades já se encontrava saturado, tendo sido ocupado por aqueles mais antigos. Eles inovaram o mercado ao disponibilizar crédito aos seus clientes (a possibilidade de pagar mais tarde por um produto adquirido). Por serem de origem rural na Síria, não tinham experiência como vendedores. No entanto, no Brasil descobriram sua inclinação para o modo de vida urbano e seu talento para o comércio. Por consequência, tornaram-se lojistas, atacadistas e, finalmente, industriais. (TRUZZI, 2009).

Para Truzzi (2009), a segunda geração de imigrantes sírios e libaneses se beneficiou do sucesso econômico da primeira geração. Consequentemente, tornaram-se bacharéis formados em faculdades de prestígio, como a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Ali encontraram um ambiente propício à formação de contatos sociais que os alçou a bem-sucedidas carreiras políticas, conferindo poder e prestígio à comunidade sírio-libanesa.

Nos anos 1950 houve um segundo fluxo de imigrantes, principalmente muçulmanos de origem rural, especificamente do Vale do Bekaa. Esse fluxo foi numericamente menos expressivo do que aquele anterior à Segunda Grande Guerra. No entanto, houve um fluxo numericamente mais expressivo de libaneses do Vale do Bekaa nos anos 1970, por conta da Guerra Civil Libanesa. Esse fluxo também foi constituído principalmente por muçulmanos de origem rural.

Por fim, desde 2013 até pelo menos 2018⁴ há um fluxo de sírios buscando refúgio no Brasil por conta da guerra da Síria. De acordo com o Observatório das Migrações (OBSERVATÓRIO, 2018), 141 sírios obtiveram refúgio no Brasil em 2013,

³ Com a queda do Império Otomano, após a Primeira Guerra Mundial, a Síria é administrada pelo Mandato Francês, que durará de 1920 até a completa retirada do exército francês, em 1946. Em 1920, a França divide a Grande Síria em dois países: o Líbano e a Síria. (HITTI, 1959).

⁴ Dados mais recentes do CONARE (2019) apontam que 409 sírios solicitaram refúgio no Brasil em 2018.



460 em 2014 e 606 em 2015. Além disso, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR apud OBSERVATÓRIO, 2018), 2.591 sírios já haviam sido reconhecidos como refugiados em 2016 e 1.209 já haviam solicitado o reconhecimento da condição de refugiados, mas ainda aguardavam o processo. Havia ao todo, portanto, 3.800 refugiados sírios em 2016.

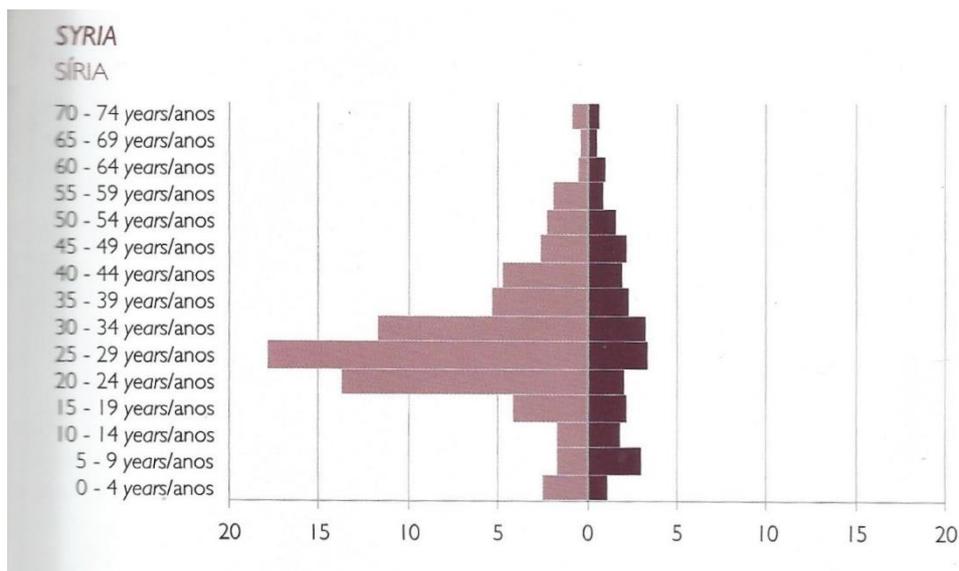
Os sírios em situação de refúgio no Brasil

Em 24 de setembro de 2013, o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) adotou a Resolução Normativa Nº 17, que permitiu aos sírios entrarem no Brasil com um visto comum e, então, solicitar o reconhecimento da condição de refugiado em território brasileiro. Além disso, de 2013 a 2015 eles foram dispensados da entrevista na qual precisam provar que possuem “fundado temor de perseguição”, ou seja, que se enquadram na definição de “refugiado” da Convenção de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados, da qual o Brasil é signatário. (ACNUR, 2001).

Em 2013, o Brasil era um dos poucos países que aceitava a entrada legal de sírios. Consequentemente, milhares de sírios preferiram vir ao Brasil ao invés de arriscar suas vidas cruzando o Mar Mediterrâneo em direção à Europa, ou vivendo em países vizinhos, como a Turquia, a Jordânia e o Líbano.

Os sírios que vivem no Brasil destacam a liberdade religiosa e a hospitalidade como pontos positivos. Além disso, muitos homens solteiros começaram uma família e/ou um negócio no Brasil. Portanto, eles não desejam começar do zero em outro país (tanto na Síria como em países de primeiro mundo).

Gráfico 02: Imigrantes internacionais de nacionalidade síria com a condição de refúgio registrados (Registro Nacional de Estrangeiro – RNE), entre 2000-2016, no Estado de São Paulo, segundo idade e sexo.



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro e Registros (SINCRE)/Polícia Federal-Ministério da Justiça/Projeto MT Brasil/ICMPD/PUCMinas/OBMigra- Ministério do Trabalho. Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP-Fapesp/CNPq (apud OBSERVATÓRIO, 2018, p. 185).

Como se pode notar no Gráfico 02, a maior parte dos sírios são homens jovens de 20 a 34 anos de idade. Além disso, a maior parte deles são solteiros, muçulmanos (ADUS, 2016) e bem educados. De acordo com o IPEA (2017), 26% possuem bacharelado e 37% a diploma de Ensino Médio. De acordo com Baeninger (2017), a maior parte está em idade produtiva, o que demonstra a importância de se obter um emprego.

Chegando ao Brasil e fazendo contatos sociais

Ao chegarem ao Brasil, as principais barreiras que os refugiados enfrentam são a língua, moradia e trabalho. A barreira linguística – acentuada pelas diferenças entre o alfabeto árabe e o português – dificulta o acesso aos serviços sociais de saúde e educação, a busca por trabalho e o estabelecimento de contatos sociais fora da comunidade árabe. Procurar moradia também é um desafio, pois há barreiras burocráticas (como a necessidade de obter fiador) e financeiras, pois o aluguel compromete expressiva parcela da renda obtida por esses refugiados (quando possuem algum rendimento).

Por fim, obter trabalho tem sido um grande desafio por conta da já mencionada barreira linguística, da dificuldade em revalidar diplomas, pela ausência de contatos sociais e pela competição com outros sírios que chegaram antes e



empreenderam no ramo alimentício. Além disso, o Brasil enfrenta uma crise econômica desde 2018 – crise essa acentuada em 2020 pela pandemia do coronavírus. Segundo o IBGE (2020), a taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais era de 11,6% em dezembro de 2018 e se elevou para 14,4% em agosto de 2020 – o maior nível da série histórica desde 2012, atingindo a marca de cerca de 13,8 milhões de desocupados⁵ e 5,86 milhões de desalentados⁶.

Em meio a esse contexto desfavorável, muitos sírios recém-chegados obtêm ajuda da comunidade sírio-libanesa para trabalhar. Em geral, esses vínculos se dão com parentes e amigos que já viviam no Brasil, mas igrejas e mesquitas também são ambientes propícios para a formação de laços com a comunidade árabe. Embora essa comunidade ofereça apoio, a maior parte das oportunidades de trabalho que oferecem aos recém-chegados são informais e em ocupações que não exigem qualificação profissional ou a necessidade de entender e falar o português. Portanto, são posições provisórias que estão distantes dos anseios profissionais dos refugiados. Além disso, alguns entrevistados relataram terem sido explorados nesses trabalhos junto à comunidade árabe, levando-os a buscar alternativas por conta própria no ramo alimentício ou como professores de línguas (principalmente aqueles que falam inglês).

Ao se desvincularem da comunidade árabe, no entanto, eles precisam estabelecer vínculos sociais e aprender o português – processos esses que geralmente ocorrem de forma conjunta. É nessa etapa de suas trajetórias que muitos deles procuram a ajuda de organizações humanitárias não ligadas à diáspora síria.

No tópico seguinte se compara uma organização não ligada à diáspora síria – a CASP – com duas organizações diaspóricas – a SBM e o LSPI.

Cáritas Arquidiocesana de São Paulo

Segundo a CASP (2018), a Cáritas Brasileira (CB) é um órgão de utilidade pública federal criado em 12 de novembro de 1956. A CB segue as diretrizes da Conferência Nacional do Brasil (CNBB) e da Cáritas Internationalis (organização

⁵ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera como “desocupados” apenas pessoas que estão procurando trabalho.

⁶ Os “desalentados” são pessoas aptas a trabalhar, mas que desistiram de procurar emprego por considerar que não encontrariam trabalho adequado ou que não seriam absorvidos pelo mercado de trabalho por conta de sua idade e/ou ausência de experiência profissional, por exemplo.



com sede no Vaticano, originada em 1897 e que atua em mais de duzentos territórios nacionais).

Souza e Ruseishvilli (no prelo) destacam a experiência que a CB acumulou no acolhimento a refugiados. A atuação da igreja católica é um elemento fundador do acolhimento a refugiados no Brasil. Ela tem raízes históricas, pois a CB atuou junto ao ACNUR e à Comissão Justiça e Paz (CJP) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para acolher refugiados chilenos que escaparam do regime ditatorial de Augusto Pinochet na década de 1970 (SALES & ARNS, 2010).

A CB é uma instituição autônoma, o que significa que suas decisões não estão vinculadas aos governos. Além disso, a CASP é autônoma em relação à Cáritas do Rio de Janeiro, por exemplo. Fora das capitais, a Cáritas realiza trabalhos sociais em diversas áreas como economia solidária, reforma agrária, população de rua, população carcerária e comunidades indígenas. Entretanto, o atendimento aos refugiados ocorre apenas nos municípios de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná (informação verbal⁷).

De acordo com Souza e Ruseishvilli (no prelo), a ACNUR financia a CB desde 1977. Esse suporte financeiro permite investimentos em transporte, medicação e alimentação. Além disso, ela possibilita maior autonomia da organização em relação ao financiamento governamental⁸ e acelera seu processo de institucionalização.

Esse processo de institucionalização da CB ocorreu concomitantemente a um “processo de profissionalização” (SOUZA; RUSEISHVILLI, no prelo) de um corpo técnico especializado. Isto faz com que a CB deixasse de ser apenas um serviço pastoral e passasse a apresentar características presentes no “humanitarismo”. Segundo Barnett (2012), a separação entre “humanitarismo” e “denominação religiosa” é muito tênue.

Ora, o padrão de financiamento da CB via ACNUR é uma característica mais reveladora do que a denominação cristã para se compreender as suas ações em prol dos refugiados. Isso se reflete não só em maior autonomia em relação ao Estado, mas também na presença de um corpo técnico não ligado necessariamente à Igreja Católica. Além disso, os refugiados atendidos não necessariamente são cristãos (a organização atende pessoas de 65 nacionalidades, não importando sua

⁷ Informação obtida com a assessoria de comunicação da Cáritas de São Paulo.

⁸ Segundo o Centro de Referência para Refugiados (CRR, 2020), a CASP recebeu pontualmente recursos do Ministério da Justiça e de campanhas de doação. No entanto, ela é mantida financeiramente pelo ACNUR e pela Arquidiocese de São Paulo.



afiliação religiosa). Há, portanto, uma “moral humanitária” (FASSIN, 2012) presente na estrutura organizacional da CB.

Entre 2012 e 2017, a CASP havia atendido 14.104 refugiados, dos quais 9.435 eram solicitantes de refúgio e 4.669 já haviam sido reconhecidos como refugiados (OBSERVATÓRIO, 2018). Segundo o coordenador da Cáritas⁹, houve 172 atendimentos a sírios em 2016 e 212 em 2017.

O trabalho mais procurado pelos sírios na CASP é a obtenção de documentos, pois dada a proximidade da instituição com o CONARE, os advogados da Cáritas têm mais condições de auxiliar os solicitantes de refúgio na obtenção do mesmo. Assim, há orientação jurídica no sentido de os preparar para a entrevista com o CONARE (entrevista essa que é decisiva para que o governo aceite a condição de refugiado do solicitante ou a recuse).

Essa orientação se insere no projeto de proteção da CASP, que inclui tanto proteção jurídica quanto social, informação as etapas da solicitação de refúgio, informação sobre direitos de família, consumidor, racismo e trabalho. No entanto, há também o projeto de assistência – que inclui moradia, alimentação e saúde – e o projeto de integração – que inclui aprendizado de idioma, inserção profissional, educação e capacitação profissional.

De acordo com Perin (2013), que adota uma perspectiva foucaultiana em sua pesquisa, os atendimentos no setor de integração da CASP procuram manter os sujeitos próximos a uma “curva de normalidade” que os torne sujeitos de direito pleno. O processo de integração busca reatar vínculos com a sociedade no que diz respeito ao trabalho, moradia, educação e saúde. Em suma, busca criar um laço de cidadania. A zona de “extrema vulnerabilidade” é voltada às mulheres desacompanhadas com filhos, grupo prioritário no caso do apoio financeiro com moradia. Nos demais casos há encaminhamento para abrigos de imigrantes – os quais, no entanto, não são muito apreciados pelos sírios.

Segundo uma profissional entrevistada, a CASP oferece cursos de português para os refugiados por meio de parcerias com outras organizações. Apesar de esses cursos serem gratuitos, os sírios entrevistados afirmam que eles ensinam apenas o básico do português e que a melhor forma de aprender a língua é trabalhar com brasileiros, pois assim são desafiados a aprender palavras diferentes todos os dias.

⁹ Obteve-se essa informação por e-mail em fevereiro de 2018.



Além disso, os cursos costumam ser ministrados nos bairros centrais, muitas vezes distantes do local de residência dos refugiados, o que exige um investimento em transporte público com o qual nem eles e nem a Cáritas são capazes de lidar. Por fim, há o problema de haver poucas vagas nos cursos.

Em relação aos cursos profissionalizantes, a CASP estimula principalmente aqueles cujas profissões não exigem o conhecimento de português, como gastronomia e marcenaria, por exemplo. Segundo Carmen, funcionária da CASP, o foco desses cursos profissionalizantes está em ajudar o refugiado a conseguir o primeiro emprego. Um dos sírios entrevistados afirma que irá frequentar um curso de gastronomia na Cáritas.

Já no que se refere à inserção profissional, a CASP fez uma parceria com o Programa de Apoio para a Recolocação de Refugiados (PARR). Há duas funcionárias do PARR que se revezam para atender os refugiados na própria CASP. O trabalho delas consiste em cadastrar os currículos. Além disso, o PARR orienta os candidatos antes das entrevistas, contextualizando o ambiente cultural que encontrarão na empresa, como se comportar na entrevista, por exemplo.

No que tange à educação, a CASP orienta os refugiados sobre como se matricular em escolas e universidades, prestarem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e revalidarem seus diplomas.

Sobre a saúde, a CASP mantém uma área de saúde mental, oferece orientação sobre como acessar o Sistema Único de Saúde (SUS) e encaminha para atendimento odontológico no Serviço Social do Comércio (SESC).

Por fim, a CASP é um ambiente propício para os sírios estabelecerem contatos sociais com brasileiros e refugiados de outras nacionalidades. Há dois sírios entrevistados que voluntariaram na CASP, um dos quais se referiu à organização como sua família no Brasil.

Sociedade Beneficente Muçulmana

Em 1929, a SBM foi responsável pela construção da Mesquita Brasil. Ela se localiza no bairro do Cambuci, no centro de São Paulo. (MESQUITA BRASIL, 2018). É a mesquita mais antiga do país e estimula não só a religiosidade, mas também a convivência e a sociabilidade da comunidade muçulmana (OSMAN, 2016).



Segundo Maciel (2015), 1,8 mil refugiados sírios haviam sido cadastrados na SBM até setembro de 2015. Para Tahir, funcionário da SBM, os refugiados sírios buscam a organização porque ouvem falar dela por meio de amigos. Ou seja, tomam conhecimento da organização após a chegada ao Brasil.

A SBM é financiada pela comunidade árabe no Brasil. O seu presidente à época da entrevista era dono de uma grande rede de lojas de móveis, o que fez com que a organização mobiliasse 40 casas para mais de 100 famílias de refugiados – principalmente aquelas com crianças, por serem mais vulneráveis – entre 2015 e agosto de 2018. Elas podiam permanecer na casa até se estabilizarem financeiramente ou por um período máximo de um ano.

A SBM oferece cursos de português e religião. Para Tahir, a moradia, as aulas de português e a prática religiosa na mesquita são os três pilares de adaptação dos refugiados ao país. Somente depois de aprender português, encontrar uma moradia e praticar o islamismo é que eles estariam aptos a buscar um emprego. A SBM registra o currículo dos sírios em um banco de dados que é consultado quando algum empresário árabe precisa fazer contratações. Tahir afirma que recentemente uma grande rede árabe de *fast food* contratou alguns sírios cadastrados no banco de currículos da SBM.

Em relação à educação, a SBM oferece bolsas de estudo em uma escola particular em São Paulo. Sobre a saúde, a organização facilita o acesso dos refugiados ao SUS e também realiza mutirões nos quais são ofertadas consultas médicas e medicamentos. Além disso, a organização auxilia os sírios com o processo de solicitação de refúgio.

Por fim, em relação à sociabilidade, a SBM oferece jantar por 30 noites para quebra de jejum durante o Ramadan. Nesse ambiente, os refugiados se sentem em casa, pois podem praticar sua religião, tradições e costumes.

Lar Sírio Pró-Infância

O Lar Sírio é uma organização fundada por imigrantes sírios no Brasil, oriundos da cidade de Homs, na Síria (LAR SÍRIO, 2018). Originalmente, foi fundado com o nome de *Orphanato Syrio*, com o intuito de abrigar os órfãos da comunidade síria. No início atendia apenas crianças sírias, mas logo começou a atender crianças brasileiras também.



Desde 2015, a organização não possui mais a função de orfanato. Hoje em dia, continua sendo financiada e administrada pela comunidade síria e atende cerca de 5 mil crianças, adolescentes e famílias por meio de seus programas sociais e profissionalizantes (LAR SÍRIO, 2018). Atualmente está sediada no bairro do Tatuapé, na zona leste do Município de São Paulo.

Segundo uma profissional que trabalha na organização, o LSPI possui laços estreitos com os descendentes de imigrantes sírios e libaneses:

Todos os nossos recursos passam pelas famílias que são descendentes dos sírios. Lá daqueles que chegaram há 90 [anos]. Então, foi passando de geração em geração. Então, na diretoria do Lar Sírio. Sempre tem pessoas que fazem parte dessa descendência e que vai se renovando a cada diretoria. (Irene, funcionária do LSPI, informação verbal¹⁰)

Isso reforça o argumento de que se trata de uma organização diaspórica, pois o seu padrão de financiamento se diferencia de organizações como a CASP, por exemplo, cujo financiamento não está atrelado à comunidade árabe. Além disso, a presença da comunidade síria se dá por meio de parcerias com o Clube Homs (com sede na Av. Paulista), o Esporte Clube Sírio (em Moema) e a Catedral Metropolitana Ortodoxa (no Paraíso). Assim, enquanto o LSPI atende mais os sírios cristãos, a SBM é mais voltada aos muçulmanos.

Em novembro 2014, o LSPI criou o Programa de Apoio aos Irmãos Sírios Refugiados (PAISR), idealizado por Cleide Robertson Paiva. Esse programa auxiliou os refugiados principalmente com a questão da moradia, oferecendo apoio financeiro para mais de 100 famílias. Diferente da SBM – que alugou os apartamentos e os mobiliou, para depois alojar as famílias –, o LSPI custeou o aluguel de casas que já estavam sendo alugadas pelas famílias. As 100 famílias apoiadas pelo LSPI foram todas alojadas em apenas nove meses. Após seis meses de apoio, o LSPI realizava uma visita *in loco* e, se a família já tivesse condições de arcar com seu aluguel, o apoio passava para outra família de recém-chegados. O período máximo que uma família poderia ter o aluguel custeado pelo LSPI era de nove meses. O apoio financeiro com moradia esteve vigente entre 2015 e 2018, período semelhante ao oferecido pela SBM.

¹⁰ Entrevista realizada em fevereiro de 2018.



O LSPI chegou a oferecer aulas de português para os refugiados, mas elas foram descontinuadas devido à falta de procura. Em relação à inserção no mercado de trabalho, o LSPI mantém um banco de dados com os currículos dos sírios. No entanto, Irene afirma que não obtiveram um alto percentual de inserção.

Algumas das crianças e adolescente das famílias de sírios atendidas pelo LSPI contavam com bolsas de estudos em um colégio particular em São Paulo, algo semelhante ao apoio oferecido pela SBM para as famílias muçulmanas.

No que tange à saúde, a atuação da LSPI é bastante semelhante à da SBM e da CASP, pois encaminham os refugiados para o SUS e oferecem medicamentos nos casos em que não estão disponíveis na rede pública.

Por fim, em relação à sociabilidade, a LSPI promove eventos não-religiosos, como a festa junina, ocasião em que os refugiados podem estabelecer contatos sociais com os brasileiros.

Considerações Finais

Notou-se que prevalecem as entidades religiosas entre as organizações humanitárias da sociedade civil que acolhem os refugiados, caso da CASP e da SBM. O LSPI, embora não seja propriamente uma entidade religiosa, mantém vínculos com organizações religiosas como a Catedral Metropolitana Ortodoxa.

As semelhanças entre elas, no entanto, dizem mais respeito ao “humanitarismo” – cuja principal característica é o alívio do sofrimento dos mais vulneráveis – do que à denominação religiosa propriamente dita. As três organizações facilitam o acesso dos refugiados aos serviços sociais de saúde. Todas elas oferecem apoio financeiro para moradia com foco nas famílias com crianças. Tanto a CASP quanto a SBM oferecem apoio com a documentação. Todas elas oferecem algum apoio com a inserção no mercado de trabalho e em algum momento ofereceram cursos de português ou encaminharam para cursos em outras organizações. As três organizações estimulam a criação de vínculos sociais – seja com a comunidade árabe ou com os brasileiros. Em suma, todas elas oferecem uma ampla gama de recursos e informações aos sírios recém-chegados.

No entanto, também há diferenças importantes. Enquanto as organizações da diáspora síria se mobilizaram mais por moradia, a CASP ofereceu uma ajuda mais especializada com documentação. Além disso, o trabalho da CASP possui maior



abrangência e continuidade do que o das organizações diaspóricas, cujo apoio foi maior quando da chegada de um grande número de sírios (entre 2013 e 2016) – cessando a ajuda após esse período. As organizações diaspóricas precisaram criar uma estrutura de acolhimento aos refugiados, enquanto a CASP já possuía muita experiência por conta de sua atuação histórica e processo de institucionalização. Por outro lado, as organizações diaspóricas tiveram maior penetração na comunidade árabe, de modo que puderam fazer importantes articulações com empresas, escolas, igrejas e mesquitas – articulações essas que não estiveram ao alcance da CASP.

Por fim, há que se destacar que no caso das organizações da diáspora síria a denominação religiosa influenciou no grupo de sírios beneficiado por elas – a SBM apoiando mais os muçulmanos e o LSPI mais os cristãos ortodoxos (embora não exclusivamente, em ambos os casos). Já a CASP tem mais pluralidade em sua atuação, pois atende refugiados de 65 nacionalidades e embora seja uma organização cristã, atendeu também sírios muçulmanos. Dois sírios que voluntariam na Cáritas foram entrevistados para o presente trabalho, ambos muçulmanos. Portanto, a denominação religiosa da CASP teve pouca ou nenhuma influência sobre a religião dos sírios beneficiados por ela.

Referências bibliográficas

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Convenção de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados. In ARAUJO, N.; ALMEIDA, G. (Coords) **O direito internacional dos refugiados: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ADUS. A guerra civil na Síria e o refugiado Sírio no mundo. **Relatório Final**, cap. 4. Adus - Instituto de Reintegração do Refugiado, São Paulo, 2016, pp. 75-89. Disponível em: <<http://www.adus.org.br/wp-content/uploads/2016/06/004-Cap4-A-guerra-civil-na-S%C3%ADria-e-o-refugiado-s%C3%ADrio-no-mundo.pdf>>, acesso em 11 jul., 2016.

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. Trad. De Paulo Neves. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 18, n.2, 2006, p. 197-215.

BAENINGER, Rosana. “Migrações transnacionais de refúgio: a imigração síria no Brasil no século XXI”. In: CIERCO, Teresa *et. al.* (org.), **Fluxos migratórios e refugiados na atualidade**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2017. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/24731-1442-5-30.pdf>> Acesso em: 16 jul. 2018.

BAEZA, Cecília. O papel das mesquitas na recepção dos refugiados sírios em São Paulo: entre confessionalização das solidariedades e integração na sociedade brasileira. **Brésil(s)**, Paris, n. 14, 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/bresils/3224>>. Acesso em: 25 set. 2019.



BARNETT, Michael. "Where is the Religion? Humanitarianism, Faith, and World Affairs". In: SHAH, Timothy S.; STEPAN, Alfred; TOFT, Monica D. **Rethinking Religion and World Affairs**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BARNETT, Michael. Humanitarian Governance. **Annual Review of Political Science**, 2013, 16, pp. 379-98.

BENTHALL Jonathan. **Returning to Religion: Why a Secular Age is Haunted by Faith**. London: I. B. Taurus, 2009.

BISNETO, Victor B. Refugiados sírios em Campinas/SP e um Aladdin sem a lâmpada mágica. **MALALA**, São Paulo, v.4, n.6, jul. 2016, p. 89-109.

BRASIL, Emmanuel de Nazareth. **Migração síria contemporânea: da partida a (re)inserção**. Monografia (Bacharelado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CASP – Cáritas Arquidiocesana de São Paulo. **O que é a Cáritas?** Disponível em: <http://caritasarqsp.blogspot.com/p/blog-page_23.html> Acesso em 19 set. 2018.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing Grounded Theory: a Practical Guide Through Qualitative Analysis**. London/ Thousand Oaks/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.

COIMBRA, Melissa G. L. B.; ORCHARD, Maria S. E. Um estudo sobre os Refugiados Sírios na cidade de São Paulo e Florianópolis: trajetórias laborais e precarização do trabalho. **Idéias**, Campinas, SP, v. 11, 2020, p. 1-26.

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. **Resolução Normativa Nº 17, de 20 de setembro de 2013**. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/resolucao-normativa-n-17-do-conare.pdf/view>> Acesso em 20 out. 2020.

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. **Refúgio em Números**, 2019. Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/RefugioemNmeros_2018.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

CRR – **Centro de Referência para Refugiados**. Disponível em: <<https://www.caritassp.org.br/centro-de-referencia-para-refugiados/>> Acesso em 23 set. 2020.

FASSIN, Didier. **Humanitarian reason: a moral history of the present**. Translated by Rachel Gomme. London: University of California Press, 2012.

FORTUNATO, Elissa M. **Integração de refugiados no Brasil: a construção de políticas públicas e a visão dos refugiados sírios**. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes). Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019. 217f.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HITTI, Philip K. **Syria: A Short Story**. New York: Macmillan, 1959.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua**. Disponível em:



<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=series-historicas>> Acesso em 16 nov. 2020.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Refúgio no Brasil**: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014) / João Brígido Bezerra Lima ... [et al.]. – Brasília: Ipea, 2017. 234 p.

LAR SÍRIO. Site oficial. Disponível em: <<http://www.larsirio.org.br>> Acesso em: 26 out. 2018.

LYNCH Cecelia. “Religious humanitarianism and the global politics of secularism”. In: **Rethinking Secularism**, ed. C Calhoun, M Juergensmeyer, J Van Anterwerpen, pp. 204–24. New York: Oxford Univ. Press, 2011.

MACIEL, Camila. Mesquita em São Paulo ajuda 1,8 mil refugiados sírios da guerra civil. *Portal EBC – Agência Brasil*, 11 set. de 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-09/mesquita-em-sao-paulo-apoia-18-mil-refugiados-sirios>> Acesso em 25 out. 2018.

MENEZES, Ana. Refugiados Sírios no Brasil: a inserção laboral na ausência de políticas públicas e o papel das organizações da sociedade civil. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 48, n. 1, jan./jul. 2020. p. 113-133. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/RFADIR-v48n1a2020-50515>>. Acesso em: 26 out. 2020.

MESQUITA BRASIL. Site oficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/mesquitadobrasil.sbm/about/?ref=page_internal> Acesso em 25 out. 2018.

MOREIRA, Júlia B.; BORBA, Janine. Refugiados sírios em São Bernardo do Campo: interação entre entidade religiosa e poder público municipal, no âmbito do processo de integração local. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, vol. 8 (3), 2017, p. 105-117.

OBSERVATÓRIO das Migrações em São Paulo. **Atlas Temático: Migração refugiada** / Rosana Baeninger; Duval Fernandes (coord.) Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

OLIVEIRA, Márcio de. Sírios e congoleses homens e mulheres refugiados no Brasil: perfil socioeconômico, integração e perspectivas futuras. **PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 27.1, jan./jul., 2020, p. 62-89.

OSMAN, Samira A. Os árabes e suas religiões: islamismo e cristianismo na comunidade imigrante. In: **Mobilidade humana e identidades religiosas**. BAGGIO, Fábio; PARISI, Paolo & SANCHEZ, Wagner L. (coords.). São Paulo: Paulus, 2016.

PERIN, Vanessa P. **“Um Campo de Refugiados sem Cercas”**: etnografia de um aparato de governo de populações refugiadas. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar), São Carlos, SP, 2013.

SALES, Eugenio; ARNS, Paulo E. A história não contada do refúgio no Brasil antes da Lei n. 9.474/97. In: BARRETO, Luiz Paulo T. F. (org.), **Refúgio no Brasil**: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010.

SOUZA, André R. de; RUSEISHVILLI, Svetlana. As organizações cristãs de abrangência nacional em face da questão dos refugiados. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, no prelo [artigo aceito para ser publicado no v. 10, n. 2, 2020].



TRUZZI, Oswaldo M. S. (2008). Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 51, nº 1, 2008m p. 37-74.

TRUZZI, Oswaldo M. S. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.